
Malintzin: uma reflexão decolonial sobre a intérprete do período da invasão do México

Walquíria Rodrigues*

Resumo: Este artigo busca refletir sobre os conflitos que permeiam a figura de Malintzin, a mulher indígena alcunhada de traidora que atuou na invasão do México como intérprete, observando a construção do discurso nacionalista, que associa a sua figura a outras representações femininas que simbolizam a maternidade de modo pejorativo, com o intuito de afastar-se da mestiçagem, que, de acordo com essa perspectiva é fruto de submissão e violação. Os estudos decoloniais nos permitem questionar as representações dos sujeitos que foram oprimidos pela empresa colonizada e, Malintzin, pode ser inserida em tal questão, pois essa mulher indígena estava em uma realidade adversa: refém primeiro de seu povo e depois pelos invasores como enfatiza Martha Robles (2019). Logo, esse pensamento decolonial propiciou o estudo de mulheres que dispuseram a (re)ler Malintzin sob uma nova ótica. As discussões foram embasadas nos estudos críticos de: Aníbal Quijano (1992; 2005); Carlos Monsiváis (2001); Cristina González (2002); Silvina Carrizo (2005); Catherine Walsh (2005); Eliane Garcindo (2013); Clarissa Pinkola Estés (2018) entre outros. O ato de reler e questionar a imagem de Malintzin torna-se importante e necessário, pois permite compreender a história dos sujeitos que foram esquecidos ou transformados de acordo com os discursos ideológicos vigentes.

Palavras-chave: Malintzin; Pensamento decolonial; Invasão do México.

Malintzin: a decolonial reflection on the interpreter of the period of the invasion of Mexico

Abstract: This article seeks to reflect on the conflicts that permeate the figure of Malintzin, the indigenous woman nicknamed traitor who acted in the invasion of Mexico as an interpreter, observing the construction of the nationalist discourse, which associates her figure with other female representations that symbolize the motherhood of pejorative mode, in order to move away from miscegenation, which, according to this perspective, is the result of submission and violation. Decolonial studies allow us to question the representations of subjects who were oppressed by the colonized company and, Malintzin, can be included in this issue, as this indigenous woman was in an adverse reality: hostage first by her people and then by invaders as emphasized by Martha Robles (2019). Therefore, this decolonial thought led to the study of women who were willing to (re)read

Malintzin in a new light. The discussions were based on critical studies by: Aníbal Quijano (1992; 2005); Carlos Monsiváis (2001); Cristina González (2002); Silvina Carrizo (2005); Catherine Walsh (2005); Eliane Garcindo (2013); Clarissa Pinkola Estés (2018) among others. The act of rereading and questioning Malintzin's image becomes important and necessary, as it allows us to understand the history of subjects who were forgotten or transformed according to current ideological discourses.

Keywords: Malintzin; Decolonial thinking; Invasion of Mexico.

Malintzin: una reflexión decolonial sobre la intérprete del período de la invasión de México

Resumen: Este artículo busca reflexionar sobre los conflictos que permean la figura de Malintzin, la indígena apodada traidora que actuó en la invasión de México como intérprete, observando la construcción del discurso nacionalista, que asocia su figura con otras representaciones femeninas que simbolizan el maternidad de modo peyorativo, con el fin de alejarse del mestizaje, que, según esta perspectiva, es el resultado de la sumisión y la violación. Los estudios decoloniales permiten cuestionar las representaciones de sujetos que fueron oprimidos por la empresa colonizada y, Malintzin, puede ser incluida en eso, ya que esta mujer indígena se encontraba en una realidad adversa: rehén primero por su pueblo y luego de los invasores como lo enfatiza Martha Robles (2019). Por lo tanto, este pensamiento decolonial llevó al estudio de mujeres que estaban dispuestas a (re)leer Malintzin bajo una nueva luz. Las discusiones se basaron en estudios críticos de: Aníbal Quijano (1992; 2005); Carlos Monsiváis (2001); Cristina González (2002); Silvina Carrizo (2005); Catherine Walsh (2005); Eliane Garcindo (2013); Clarissa Pinkola Estés (2018) entre otros. El acto de releer y cuestionar la imagen de Malintzin se vuelve importante y necesario, ya que nos permite comprender la historia de sujetos olvidados o transformados según los discursos ideológicos en curso.

Palabra claves: Malintzin; Pensamiento decolonial; Invasión de México.

Foi muito mal aplicado o termo ‘malinchismo’ [...], porque não se pode encontrar realidade mais adversa a uma escolha pessoal feminina do que aquela atribuída a essa mulher. Refêem primeiro de sua própria gente e depois do furacão provocado pelos invasores. (ROBLES, 2019, p. 291)

Considerações iniciais

O presente estudo é fruto das pesquisas acadêmicas realizadas desde a trajetória na graduação em Letras e, nos debates do grupo de pesquisa, na UFRJ até a conclusão do mestrado em Letras Neolatinas, opção Literaturas Hispânicas, na UFRJ. O

interesse do estudo centra-se na figura da mulher indígena conhecida como Malinche. Entretanto, o nome utilizado será Malintzin, seu nome indígena, considerando assim sua identidade indígena.

Malintzin é considerada por alguns como traidora, cúmplice e amante do furacão colonizador por ter atuado como intérprete. Por outros, é considerada refém da invasão espanhola nas terras México. Logo, sua figura é emblemática e possibilita muitas discussões sobre o seu papel, sua condição e suas ações.

Pouco se sabe sobre essa mulher de origem nahuatl. Apenas os que os poucos relatos nos contam: Malintzin, também conhecida como Malinalli e, popularmente Malinche, foi uma mulher indígena nascida na região do golfo do México, que após ser vendida por um de seus pais para outro grupo indígena, foi escravizada e, quando os espanhóis “chegaram” (invadiram) no México, dada de presente a tropa de Cortés. Vendo a facilidade de Malintzin no aprendizado de línguas, principalmente pelo trânsito vivido, Cortés decide usá-la como instrumento político na invasão.

Ao longo dos estudos acadêmicos foi possível identificar como a figura dessa mulher indígena foi construída ao longo da história e como ela é relida, reescrita e ressignificada quando encontra-se sob a perspectiva feminina. Em grande maioria, encontra-se a dualidade entre sua imagem: Malinche, a amante traidora versus Malintzin, Malinalli, a indígena refém da violência colonizadora.

Como bem assevera Martha Robles (2019), na citação de início do trabalho, Malintzin foi uma mulher duplamente inferiorizada. Primeiro por seu povo e depois pelos espanhóis. Como culpá-la pelas tragédias da colonização? Por que atribuir a culpa somente a sua figura? Esses questionamentos nos permitem refutar um sistema colonial já enraizado e entender que Malintzin foi ponte de comunicação entre os dois mundos, além de uma mulher usada como peça chave, transformada como bode expiatório no discurso nacionalista (PEREIRA, 2021).

Malintzin e o afastamento da mestiçagem pela perspectiva nacionalista

Desde o período colonial é possível perceber os embates e discussões da identidade nacional, principalmente, no que diz respeito à influência mestiça. No período dos vice-

reinados a condição mestiça já era mal vista, como os espanhóis nascidos na América eram diferenciados dos nascidos na Espanha, sem gozar dos mesmos direitos. A condição mestiça associada a Malintzin remete a entrega, a violência e a rendição. Esse conflito existencial marcaria a identidade mexicana até a contemporaneidade.

Durante o ano de 1950 foi publicado o ensaio “El laberinto de la soledad”, em que Octavio Paz dedica uma parte para expor os conflitos identitários do povo mexicano. Para o autor, os mexicanos não querem ser índios nem espanhóis ou fruto dessa descendência resultante de violência. O mexicano quer romper com os laços do passado, negar seu passado e sua origem violenta para se tornar um ser abstrato que inicia-se em si mesmo. Como filhos do nada (PAZ, 1984, p. 36).

Diante desse olhar, é melhor ser órfão do que ser mestiço, uma vez que isso está fora de questão, pois tal fato é lembrar e reconhecer-se como fruto da violência colonial. A mestiçagem do povo mexicano é discutida na figura de Malintzin, justamente pela sua alusão ao invasor Hernán Cortés, com quem teve um filho chamado Martín.

A temática e o conceito da mestiçagem devem ser observados de maneira histórica, como propõe Silvina Carrizo (2005), considerando as estratégias e os sujeitos envolvidos. A mestiçagem caracteriza o encontro com o diferente desde os aspectos biológicos até os aspectos sociais e culmina na formação identitária de uma nação.

Outra visão pode ser encontrada na tese “Raza Cósmica” (1948), de José Vasconcelos, onde a mestiçagem é vista como a raça ideal, feita com o tesouro de todas as outras anteriores. Eliane Garcindo (2013) chama a atenção que esse argumento pode permitir dupla interpretação e propor a redenção do passado colonial pela ideia de uma raça criada, que foi modificada, com o intuito de ser moldada, pela cor e cultura européia.

Para Garcindo (2013, p. 194), a visão positiva do caráter mestiço, hoje, pode parecer ingênua por se tornar positiva por possuir o melhor de outras raças e, conseqüentemente, apagando as características individuais que possui. A autora defende que quando a mestiçagem aborda representação cultural e histórica e reconhece identidades múltiplas, ela amplia a observação do universo e as relações produzidas.

Assim, o mestiço, que é o produto da mestiçagem, é a junção das diferentes identidades. O fruto biológico resultante da mistura, que não é reconhecido nos aspectos culturais e nas implicações do “ser”. Eles oscilam entre a sociedade branca e a indígena

e, por serem gerados entre duas culturas, sua identidade encontra-se em conflito por carregar a especificidade de pertencer aos dois lugares ou o conflito de não pertencer a nenhum deles, como a reflexão proposta por no ensaio de Octavio Paz.

O movimento nacionalista no México visou refletir sobre o questionamento de identidade mexicana. No século XIX, em 1860, representantes do liberalismo como Ignacio Ramírez e Miguel Hidalgo apoiaram o distanciamento da Espanha, com o objetivo de tornar o México independente da influência espanhola, inclusive epistemológica.

No século seguinte, XX (1930-1960) o discurso nacionalista foi influenciado pelas discussões sociais e econômicas e nesse momento a imagem de Malintzin, chamada de Malinche, é resgatada para compor o discurso de culpa através do termo malinchismo, que sustenta o nacionalismo e, de acordo com Carlos Monsiváis (2001), o termo em questão é considerado político e ideológico.

O substantivo malinchismo faz referência ao adjetivo malinchista. Ambos entendidos como termos pejorativos para associados à Malintzin, ou nesse caso Malinche, com a intenção de ofender a identidade nacional, uma vez que considera assim os mexicanos que preferem ou consideram superior as influências estrangeiras em lugar das influências nacionais, pois, de acordo com esse discurso, Malintzin agiu assim com o invasor Cortés.

O malinchismo defende a visão que Malintzin é a traidora que vendeu e entregou sua nação aos estrangeiros. Ela é vista como amante, concubina e cúmplice. Uma mulher que perde sua identidade para ser rotulada de modo superficial, como uma mulher passiva e tola, que se entregou a um amor cego que destruiu o seu povo. Malintzin é julgada sem se considerar o fato dela ter sido vendida, oferecida e escravizada.

Como bem pontua Cristina González (2002), Malintzin é constantemente comparada com a figura bíblica da primeira mulher, Eva. Assim como Eva, Malintzin é a mãe que se deixa seduzir pela tentação, abrindo as portas para os pecados e maldades do mundo. Ao abrir sua nação aos estrangeiros, ela permite a violência e a destruição do mundo pré-hispânico. Como se uma mulher vendida e escravizada tivesse tal poder. O discurso do malinchismo busca atribuir culpa, responsabilizando a mulher pela tragédia histórica apenas por seu gênero, como discute Milagros Palma (1991, p. 147).

É interessante observar como a questão da mestiçagem é vista em Malintzin, sobretudo em relação às representações de maternidade simbólica. Malintzin, no imaginário maxicano, é associada de maneira pejorativa à maternidade simbólica e espiritual dos mexicanos, especialmente em três figuras: La Llorona, La Virgen de Guadalupe e La Chingada, consideradas com leituras da mãe assassina, mãe protetora e mãe traidora, respectivamente.

A Llorona é a mãe assassina que mata e fere seus filhos e muitos estudiosos a consideram uma releitura da Malintzin, com um castigo espiritual eterno. Por ser um relato oriundo da tradição oral, possui várias versões, porém, a principal conta a história de uma mulher indígena muito bonita, que após ter tido um filho bastardo com um fidalgo é abandonada por ele. O hidalgo retorna à Espanha para casar-se com uma mulher nobre e num ato de loucura, para não ver seu filho sendo levado com o pai, afoga a criança num rio.

Após sua morte, a mulher é perdoada, mas fica impedida de entrar ao paraíso a menos que encontre o corpo do filho, para que ele também encontre descanso. Assim, ela fica vagando em busca de remissão, vestida de branco, com longos cabelos e gritando: “Ay, mi hijo!”.

Clarissa Pinkola Estés (1992), analisa a trama da Llorona com um olhar psicanalítico e conclui que apesar das variações a temática é sempre a mesma: a destruição do feminino fecundo. Assim, é possível enxergar a relação da trama e a história de Malintzin, que foi descartada pelo conquistador quando seus serviços de intérprete já não eram necessários.

A Virgen de Guadalupe personifica o sincretismo religioso ocorrido na América. Ela é a combinação da Virgem Maria e da mãe-deusa dos indígenas, Tonantzin, como uma proposta de substituição imposta pelos europeus por considerar a prática religiosa dos indígenas uma prática infame, como sustenta Gruzinski (1990, p. 142).

A Virgen de Guadalupe é considerada a mãe espiritual dos mexicanos, devido a ausência da mãe física. Ela é tida como uma guia espiritual e mediadora, que proporciona uma origem aos mexicanos por meio da crença. Pela sua característica espiritual ela redime o povo da marca da violência e da morte, além de ser uma mãe imaculada e pura.

A figura da virgem sempre estará em oposição a outra figura bem enfatizada por

Octavio Paz, a figura de La Chingada. Enquanto a virgem é pura, a Chingada é a personificação da Malinche traidora, a mãe que não defende seus filhos da violência do invasor, mas se mantém passiva. A própria palavra, oriunda do verbo “chingar” está repleta de conotação pejorativa associada a violência e a ofensa.

Os filhos dessa mãe são frutos de violação e motivo de escárnio. Como salienta Margo Glantz (1995) o pensar Malintzin sob essa perspectiva revela um olhar machista, da mulher escrita por homens e para homens, marcada pela questão sexual. Além disso, o olhar de Malintzin como Chingada permite que a culpa da mulher seja marcada em seu corpo. Malintzin é vista pelo tripé da maternidade pejorativa, cuja única figura que não é negativa, a virgem, é usada em oposição a sua imagem.

A reflexão decolonial propiciou releituras de escritoras mulheres sobre Malintzin

O exercício de reflexão sobre a figura de Malintzin ancorada na crítica decolonial no debate histórico e literário permite questionar o discurso da traição que permeia a sua figura, sustentado pela relação sexual entre a indígena e o conquistador. Discurso esse que não questiona as circunstâncias e as escolhas dessa mulher.

Diferente do período específico, o colonialismo, a colonialidade presente no discurso de traição de Malintzin evidencia o vínculo entre passado e o presente, que revela um padrão de poder resultado da experiência moderna colonial. A colonização do imaginário está relacionada à interferência nos modos de conhecer, de produzir e significar de uma cultura sobre a outra. A europeia sobre a indígena, por exemplo.

O imaginário vem sendo colonizado desde a invasão da América, pois, diante do extermínio, os indígenas tiveram sua geografia, sua língua e cultura totalmente modificadas, sendo necessário recorrer às expressões culturais padronizadas dos europeus para sobreviver e, até mesmo, interagir, ao mesmo tempo que buscando não deixar sua essência.

À vista disso, pensar Malintzin pelo olhar das escritoras latino-americanas, contrário ao olhar da mulher exótica e sexualizada, propicia uma “decolonialidade epistemológica para uma nova comunicação cultural” (QUIJANO, 1992, p. 19). Malintzin precisa ser lida além da sua atuação na conquista, para propor um pensamento

crítico, cujo objetivo não é apenas deixar de ser colonizado, isto é, de sofrer as influência política e ocupação territorial, a descolonização, mas buscar e decolonialidade, a libertação da influência colonial na mente, na cultura, na produção, como melhor coloca Walsh, 2005, p. 24).

A proposta da autora abre possibilidades de críticas, pois permite pensar e ouvir as figuras marginalizadas que foram privados de fala e da liberdade de representar-se. Enquanto a colonialidade é impositiva, a decolonialidade enfatizada por Walsh propõe uma reflexão e intervenção na negação do indivíduo, a observação do outro sem as próprias lentes colonizadoras para confrontar diversos aspectos como o racismo, o machismo, o saber, o cânone etc.

Ao refletir sobre a representação da mulher e a história é possível perceber diversos eventos relacionados à escravidão e à servidão sexual, ou seja, as personagens femininas não são representadas pela história, mas exploradas por ela nas narrativas históricas. Como é o caso de Malintzin que foi duplamente subalternizada como mulher e como indígena para alcançar o objetivo da “conquista”.

Maria Lugones (2020) se aprofunda nos estudos críticos de Quijano e acrescenta a perspectiva de que as mulheres são afetadas na colonialidade por questões de raça e gênero. Para tal, ela retoma a visão de interseccionalidade, criada por Kimberle Crenshaw, observando que quando categorias de raça e gênero são separadas, elas correm o risco de não serem enxergadas, uma vez que uma análise que enfatiza a intersecção de raça e gênero leva em consideração aspectos raciais como mulher negra, chicana, indígena.

Assim, para Lugones a condição feminina está além do padrão branco e europeu. Sem essa análise comete-se o erro de enxergar essas categorias como homogêneas. O ser mulher se desdobra em várias vertentes: branca, negra, burguesa etc.

Essa ideia questiona a inferiorização do feminino e a imposição de um sistema colonial de representação, em que desde as crônicas somente homens assumem o poder de fala, dialogam, guerreiam e tomam decisões. Logo, é válido reconhecer a importância da escrita das mulheres sobre mulheres e a mudança de perspectiva que ocorre diante da masculina. Mudança essa que ressignifica a imagem de Malintzin.

Os estudos que se dedicam a fazer uma revisão histórica de Malintzin ganharam

mais espaço ao longo dos anos. Esses estudos buscam analisar, seja de modo teórico ou ficcional, a figura da intérprete de maneira reflexiva, além do olhar superficial que a histórica colonial apresenta. A nível de informação e compartilhamento da temática cito algumas obras:

No campo da ficção é possível identificar os textos literários de Rosário Castellanos, “El eterno femenino” (1975), em que é descrita uma Malintzin valente, ativa e com voz para contar sua versão dos fatos longe do romantismo que a história associou à Cortés. Marisol Martín Del Campo, em “Amor y Conquista: La novela de Malinalli mal llamada la Malinche” (1999), propõe a perspectiva feminina de Malinalli, e de sua assistente Ozla, que é a narradora das aventuras e questionamentos diante da sociedade machista.

Marcela del Río, em “El sueño de la Malinche” (2000), narra o contexto da produção de um filme sobre Malintzin. Na obra é possível encontrar ambas as Malinches, a atriz que a interpreta e a própria Malintzin, que aparece para questionar sua representação de traidora na filmagem.

Laura Esquivel, no romance “Malinche” (2006), resgata a cultura indígena, através de ensinamentos e descreve o transitar de uma mulher no meio dos dois povos, através da palavra que garantia sua sobrevivência. Uma personagens com medos e anseios longe da visão de traidora.

No campo teórico, encontram-se os estudos críticos de Milagros Palma, Malinche, “El malinchismo o el lado femenino de la sociedad mestiza” (1991), que discute a figura de Malintzin e as questões sobre machismo e mestiçagem que permeiam sua imagem. Margo Glantz, em “Malinche, sus padres y sus hijos” (2001), traz sua própria voz e as de outros autores para analisar o papel e a ação de Malinche como língua, intérprete, mãe mestiça e do malinchismo por meio de um revisionismo histórico contemporâneo.

Cristina González, em “Doña Marina (la Malinche) y la formación de la identidad mexicana” (2002), analisa a fundo a figura da mulher indígena com discussões que se estendem desde Malintzin antes da conquista até seus últimos passos, refletindo sobre como sua figura impactou a identidade da nação mexicana durante esses percalços. Rosa María Zúñiga, em “Malinche: esa ausente siempre presente” (2003), discute a construção do mito e sua ausência como um ato político na fundação mítica do símbolo identitário.

Márcia Hoppe Navarro, em “El mito de la Malinche en la obra reciente de escritoras latinoamericanas” (2011), apresenta um panorama onde é vista e discutida a imagem de Malintzin pela ótica contemporânea de diversas escritoras latino-americanas ao entrelaçar-se aos Estudos de Gênero. Além desse estudo, pode ser encontrados outros trabalhos que discutem a figura de Malintzin como teses, dissertações, monografias e artigos.

O objetivo desses dados é trazer uma reflexão da escrita sobre Malintzin por autoras, como a ótica feminina transforma o enfoque dado e não trazer um esgotamento do tema. O objetivo não é listar todas as escritas de mulheres sobre Malintzin, mas trazer alguns dados relevantes de como essas escritas contribuem para uma visão decolonial, pois, como enfatiza Joan Scott (2011), a história das mulheres é um deslocamento radical da história, que muitas vezes necessita ser reescrita.

A presença da (re)escrita feminina solidifica sua existência, é um modo de reivindicar o lugar da mulher na história. Revisitar a figura de Malintzin com um olhar decolonial e questionador rompe com o discurso dominante instaurado no imaginário. Portanto, a crescente escrita de autoras que retomam e reescrevem, seja no âmbito do México ou não, é fundamental.

A historiografia nacionalista acrescenta culpa a imagem de Malintzin; entretanto, a revisão da caracterização propostas pelas escritoras e os novos estudos proporcionam um olhar sob nova perspectiva, que, como propõe Ribeiro (2017, p. 471), objetiva “desmascarar a subordinação das mulheres legitimadas pela ideologia patriarcal e, pode-se dizer, pela literatura canônica, além de desvendar a manipulação da história para impor determinados princípios e valores na sociedade.”

Consequentemente, a discussão sobre Malintzin, em suas diversas facetas, propicia debates sobre assuntos próprios às mulheres, como a questão da identidade, da maternidade, a presença feminina em assuntos políticos e de guerra. Como assevera Ribeiro, “são esses tópicos que podemos encontrar na literatura, nas últimas décadas escritas por mulheres no México que (re)interpretam o mito Malinche na cultura e história de seu povo” (2017, p. 474).

Considerações finais

Em suma, a imagem da mulher cúmplice da invasão espanhola pode percorrer o imaginário mexicano, associada aos mitos sobre a maternidade que permeiam a história do México. Malintzin é entendida, nesse contexto, como o contraste com a mãe protetora e padroeira do México, a *Virgen de Guadalupe*. Ela também é associada e comparada com a *La Llorona*, por ser a mãe *Chingada*, responsável pela morte de seu filho, considerado nesse caso como a nação indígena dizimada.

Malintzin foi a mulher indígena que atuou como intérprete e possuiu palavras valiosas em sua boca, que foram responsáveis pela transformação de mundos, uma vez que depois da invasão, o México e a Espanha jamais seriam os mesmos. Desse modo, sua palavra foi considerada o símbolo da semente mestiça que deu origem ao povo mexicano de hoje.

É fundamental (re)ler Malintzin hoje pela ótica feminina e revisionista. Sua imagem se transformou através dos tempos pela crítica. Malintzin está além Malintzin da amante do invasor que gerou o primeiro mestiço simbólico. O discurso nacionalista apenas defende que ela foi responsável por permitir a conquista como qualquer outro malinchista” que opta pelas influências estrangeiras. fazendo transparecer que ela tinha o poder de deter os avanços dos espanhóis, o que não estava em seu alcance.

Indubitavelmente, Malintzin foi uma ferramenta de extrema importância para os espanhóis por conta de suas habilidades linguísticas e não por suas características, origem ou personalidade. Ela foi transformada em instrumento, uma peça chave para os avanços políticos e, provavelmente, se não fosse Malintzin, outro(a) indígena ou espanhol seria encarregado para tal cargo, tanto que Jerónimo de Aguilar desempenhava a função de intérprete oficial antes dela.

Malintzin pode ter sido uma das línguas mais importantes para a comunicação, no entanto, o seu papel e a sua voz não lhe permitiam falar em favor de si mesma. Suas palavras não lhe pertenciam. Elas eram usadas para atingir os objetivos de outros. Nesse sentido, é válida a afirmativa que parece mal outorgado o termo de traidora e amante a uma mulher duplamente subalternizada e presa a um enredo de violência e servidão.

Os novos estudos que trazem outra perspectiva sobre Malintzin são essenciais para a desconstrução do pensamento machista e colonial. O revisitar de sua figura pelas escritoras

latino-americanas contribui para enxergar a história fora da lente colonial pela qual normalmente é estruturada. A Malinche do discurso nacionalista é completamente diferente da Malintzin dos estudos contemporâneos. A perspectiva é deslocada quando autoras e escritoras de personagens femininas se propõem a ler e a escrever sobre Malintzin.

Referências Bibliográficas

CARRIZO, Silvina. Mestiçagem. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). **Conceitos de Literatura e Cultura**. Juiz de Fora: UFJF, p. 261-288, 2005.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. As águas claras: o sustento da vida criativa. In: _____ [1992]. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, p. 340-378, 2018.

GARCINDO, Eliane. Raça Cósmica. In: _____. **Mestiço: entre o mito, a utopia e a história – reflexões sobre a mestiçagem**. Rio de Janeiro: Quartet / FAPERJ, p. 193-218, 2013.

GLANTZ, Margo. Criadas, Malinches ¿esclavas?: algunas modalidades de escritura en la reciente narrativa mexicana. In: PIZARRO, Ana (Org.). **América Latina: palabra, literatura e cultura**. Campinas: UNICAMP, v. 3. Vanguarda e modernidade, p. 603-620, 1995.

GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, Cristina. **Doña Marina (la Malinche) y la formación de la identidad mexicana**. Madrid: Ediciones Encuentros, 2002.

GRUZINSKI, Serge [1990]. **A guerra das imagens: de Cristovão Colombo a Blade Runner (1492-2019)**. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Pensamento_feminista_hoje_perspectivas_d.html?id=JgLMDwAAQBAJ&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em 28 de dezembro de 2020.

MONSIVÁIS, Carlos. La Malinche y el malinchismo. In: GLANTZ, Margo. **Malinche, sus padres y sus hijos**. México: Santillana Ediciones Generales, 2001.

PALMA, Milagros. Malinche, el malinchismo o el lado femenino de la sociedad mestiza. In: LUNA, Lola G. (Coord.). **Género, clase y raza en América Latina: algunas apuntes**. Edición del Seminario Interdisciplinar Mujeres y Sociedad, Barcelona, 1991, p. 131-164.

PAZ, Octavio [1950]. Hijos de la Malinche. In: **El laberinto de la soledad**. Editora Fondo de Cultura económica de España, SL, p. 27-36, 1998.

PEREIRA, Walquíria Rodrigues; DÍAZ MERINO, Ximena Antonia. Reescritura literaria: Malinche bajo la mirada de los estudios postcoloniales. **Palimpsesto**. Rio de Janeiro: UERJ, v.18, n.º. 30, p. 317-337, set. 2019.

PEREIRA, Walquíria Rodrigues. **Entre la Madre Chingada y la Mexica violada**: uma reflexão decolonial, antipatriarcal e iconográfica de Malintzin. Rio de Janeiro, 2021. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad y Modernidad/Racionalidad**. Lima: Perú Indígena. Vol. 13, N.º 29, p. 11-29, 1992.

RIBEIRO, Fernanda Aparecida. **Malinche e a narrativa histórica feminina no século XXI**. *Letrônica*, Porto Alegre. V. 10, n. 1, p. 470-483, jan-jun, 2017.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas**. Trad. Willian Lagos, Débora Vieira. 3a ed. São Paulo: Aleph, 2019.

SCOTT, Joan. A História das mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, p. 65-98, 2011.

WALSH, Catherine. (Re)pensamiento crítico y (de)colonialidad. In: _____ (org.). **Pensamiento Crítico y Matriz (De)colonial**: reflexiones latinoamericanas. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, p. 13-35, 2005.

***Walquíria Rodrigues Pereira** é mestranda em Letras Neolatinas (Literaturas Hispânicas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Email: walquiria_rodrigues2007@hotmail.com.

Recebimento: 16 de setembro de 2021

Aprovação: 25 de outubro de 2021